

MEIA PALAVRA SOBRE A "FILOSOFIA POSITIVA" NO BRASIL

DÍALOGO COM PAULO EDUARDO ARANTES

Luiz Antonio de Castro Santos

Em seu recente artigo sobre o Positivismo no Brasil, Paulo Eduardo Arantes discute a tese de Paul Arbousse-Bastide — um dos mestres franceses dos primeiros tempos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo —, segundo a qual a doutrina de Comte encontrou em nosso país "sua verdadeira pátria", um campo mais propício (que a França) para desenvolver-se plenamente, no final do século passado e princípio deste. Como se sabe, eram múltiplos os sinais do vigor do Positivismo tropical, divisados por Arbousse-Bastide e por outros que compartilhavam sua tese. Por exemplo, as idéias positivistas teriam contribuído para o fim de um regime político e para o surgimento de outro (figuras centrais como Benjamin Constant Botelho de Magalhães, entre outros, foram ministros ou "fundadores" da República); muitos positivistas — como o próprio B. Constant no Rio de Janeiro — teriam exercido certa influência intelectual sobre a formação da oficialidade do exército, e disseminado, assim, o ideal da "ditadura republicana" que iria garantir a evolução do país rumo a estágio mais avançado de civilização; no campo do ensino, a doutrina comtiana teria delineado a primeira reforma decretada pelo Governo Provisório, em 1890; e, de modo geral, as idéias positivistas teriam produzido uma voga cientificista, que, fosse ainda por outros fatores além do Positivismo, revigorou no Brasil a matemática, a astronomia, a física, a química e o método

"positivo" no estudo dos fenômenos sociais, acabando por arranhar — assinala Arantes — "a hegemonia multissecular dos bacharéis" (*op.cit.*, p. 187).

☆☆☆

Quais as razões da difusão do ideário positivista no Brasil de então? Diz Arantes, golpeando fundo a tese de Arbousse-Bastide: 'As razões do bom êxito do positivismo entre nós eram outras tantas razões a desmentilo'. Ou por outra: os sinais descritos mais acima — possíveis indícios do vigor do Positivismo durante algumas décadas no Brasil — eram, de fato, *sinais trocados*. As elites brasileiras transplantaram o sistema positivista trocando-lhe o sinal, modificando-lhe a função histórica, dando-lhe um sentido conservador. Ao invés de servirem, aqui, como alavanca de mudanças nas estruturas sociais, as idéias positivistas afiançaram a modernização *conservadora*. Arantes assim resume o quadro político, econômico e sócio-cultural resultante: "elites modernizadas... evoluindo com desenvoltura por entre relações sociais de produção horrendas". Buscava-se a modernização, desde que "sem modificar as estruturas sociais". Esta transposição forçada das idéias européias pela elite brasileira, já se sabe, não se reduziu ao Positivismo — o transplante foi mais abrangente; trouxe-nos, também de viés, o ideário liberal, o racionalismo ilustrado etc. R. Schwarz, citado por Arantes, demonstrou, em artigo de 1973, como e por que essas idéias estiveram *fora de lugar* no Brasil. O importante a reter do argumento é o caráter artificial de tais idéias, é a "marca de fidalguia" que imprimiam ao intelectual e ao político locais.

☆☆☆

Há um elemento complicador na tese central de Arantes. Ocorre que o clima intelectual do Positivismo no Brasil (e seu impacto sobre a política e a vida social) revelou tal diversidade que se torna difícil passá-lo pelo "teste" da hipótese das *idéias fora de lugar*, quando muito, passa apertado, como se verá adiante.

Vamos por partes. Arantes menciona os elementos da diversidade regional do Positivismo no Brasil, mas não os analisa como distintos. Como seu artigo se dirigia originalmente a um público estrangeiro, talvez pouco importasse distinguir, como faço agora, o grupo independente de positivistas "progressistas" (predominantemente composto por paulistas ou sediado na capital) e o grupo ortodoxo do Apostolado (cujo centro de irradiação era o Rio de Janeiro). Esta distinção, por sua vez, seria ociosa se

não refletisse, realmente, a singularidade de cada grupo quanto ao papel social que desempenharam, à função histórica etc. Como essas diferenças grupais foram marcantes, escorregará na interpretação quem as subestimar ou ignorar.

☆☆☆

Arantes fundamenta sua análise nas figuras de Benjamin Constant, professor de matemática da Escola Militar no Rio de Janeiro, e Luis Pereira Barreto, médico e político do Vale do Paraíba, ambos divulgadores da filosofia comtiana a partir de 1870/1880. Não cabe aqui detalhar os pontos em que seu artigo capta, com graça e senso crítico, a grande pataqueira que foi a aventura positivista quando vista sob o ângulo das exigências de produção filosófica genuína. Nem citar passagens felizes do texto, como as boas pistas para entender o significado de nossa *modernização conservadora*, a analogia cuidadosa entre a doutrina do "progresso" positivo e as propostas salvadoras de certo marxismo etc. O que gostaria de discutir, ainda que brevemente, são os pontos em que o Autor avançou com mão-de-pilão e acabou, talvez, triturando o que não carecia...

Começo com Benjamin Constant. Grande número de positivistas apoiavam-se na pregação científica do famoso professor e no catecismo religioso e político de Miguel Lemos e Teixeira Mendes. O primeiro morreu em 1891. A liderança passou às mãos de Lemos e Mendes, fundadores, em 81, do Apostolado e Igreja Positivista do Brasil. Os autodenominados apóstolos da Religião da Humanidade ignoravam ou desprezavam solenemente — eram sempre reverentes, probos, solenes — a ação política, a atividade parlamentar, a *vita activa*¹. O Templo da Humanidade isolava-os do mundo monárquico, contra o qual só se posicionaram na hora final, e do mundo republicano, ao qual jamais aderiram, ou dele se dissociaram, de todo. Houve pelo menos uma ocasião — durante a chamada Revolta da Vacina, em 1904, no Rio — em que estiveram a um passo de romper com a República dos Fazendeiros. o Apostolado deu um passo na direção do rompimento, para logo adiante recuar dois ou três. A trama é bem conhecida: o Apostolado desafiava, através de panfletos, a política e a polícia sanitária de Rodrigues Alves/Oswaldo Cruz, descrevia a eficácia da vacina antivaricelosa (alguns positivistas duvidavam da própria ação dos micróbios no surgimento de doenças) e considerava a obrigatoriedade da vacinação uma medida despótica do Estado republicano (*sic*, pois o Apostolado preconizava uma "ditadura republicana" para o Brasil). Estas orientações jogaram lenha no fogo cerrado que ameaçava o Catete. (Rodrigues Alves via-se pressionado por várias forças sociais e políticas, cuja atuação não cabe aqui analisar.) Quando a revolta ganhou as ruas, os apóstolos da Humanidade recuaram. Recusaram solidariedade ao movimento, e fizeram refluir

(1) Nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda: "As virtudes que ostentavam — probidade, sinceridade, desinteresse pessoal — não eram forças com que lutassem contra políticos — mais ativos e menos escrupulosos" (*Raízes do Brasil*, São Paulo, J. Olympio, 1969, p. 118).

suas atividades, das ruas para a pasmaceira de seu Templo. Essa digressão revela, em primeiro lugar, o horror *escancarado* dos positivistas ortodoxos às ações políticas por assim dizer de alta tensão. (Nesse aspecto, note-se, não se distinguiram dos chamados independentes, conservadores como os primeiros.) Em segundo lugar, revela uma característica típica da ação política do Apostolado, que se pautava por "questões de princípio"! A doutrina definia os rumos a seguir sem a "contaminação" da política. Daí o susto colossal e a desorientação dos Apóstolos da Humanidade diante do levante popular contra a vacina. Era este *secreto* horror à nossa realidade (S. Buarque) que os distinguia singularmente dos positivistas independentes.

O que ficou dito sugere um ponto em que a visão de Arantes e a minha divergem. A meu ver, a "filosofia positiva" do Apostolado, passada a limpo, não deixou qualquer traço no processo de modernização conservadora evocado por Arantes. Foi conservadora por certo, mas não exerceu papel modernizador. Foi ornamental e descartável². O ideário do Apostolado esteve entre os produtos importados do velho mundo para ilustrar ou fazer luzir o intelectual brasileiro. Somente neste sentido, o Positivismo representou um exemplo do transplante defletido de que fala R. Schwarz.

Ora, este foguetório não aturdiu os positivistas independentes como Pereira Barreto³, que em São Paulo exerciam um papel político-cultural tão conservador quanto *modernizador*. Nesse aspecto (da modernização) residiu a sintonia deste grupo com os interesses materiais da república oligárquica. Veja-se o caso de Pereira Barreto. Arantes lista as áreas de atuação profissional em que se destacou desde fins do século passado: fomento à viticultura e à indústria de cerveja e refrigerantes, interesse pela pecuária etc. Que diabos terá tudo isso a ver com Comte? — pergunta Arantes, e todos rimos com ele. Mas note-se que Pereira Barreto tinha por estas questões um interesse técnico, proveniente menos da filosofia comtiana que do método científico estabelecido pelo sistema positivista. No exemplo da viticultura, Barreto preocupava-se em controlar os micróbios que davam nas vinhas, e em desenvolver novas variedades que se adaptassem às nossas condições. No tocante à pecuária e a algumas indústrias, vivia obcecado em encontrar alternativas à excessiva dependência econômica do país ao café. Não se pode minimizar o disparate da sugestão, a que se reporta Arantes, de que se adotasse aqui, por certo tempo, a servidão de gleba, como forma de reduzir o tranco que a Abolição causaria à organização do trabalho. Mas não se pode ignorar, por outro lado, que a imigração estrangeira preconizada por Barreto esteve longe de ser uma medida disparatada, do ponto de vista dos interesses da economia em expansão. Note-se, por fim, a atuação do médico de Jacareí nas campanhas de combate à febre amarela no interior paulista, e na defesa da legitimidade da intervenção do Estado no campo da saúde pública⁴. O contraste com a orientação do Apostolado é patente: ao invés da retórica contra o "despotismo" sanitário, Barreto caminhava junto aos avanços da bacteriologia, antevendo

(2) *Descartável* no sentido de que lhe faltava função específica ou identidade própria: para essa elite, tanto fazia positivismo como monismo ou naturalismo. Tudo era pluma-gem.

(3) Nem era postigo o papel político e cultural dos positivistas na Faculdade de Direito de São Paulo (p. ex., Pedro Lessa, Alberto Sales e outros).

(4) As atividades de Pereira Barreto em Jacareí seguiram-se à sua formação em medicina na Bélgica, e precederam sua transferência para São Paulo. Foi a graduação na Europa que lhe abriu as portas para a aceitação da teoria microbiana.

do as possibilidades que se abriam para o controle e redução da mortalidade através da higiene pública. Analisando-se sua atuação na esfera política, observa-se a participação empenhada, em contraste com o debate político distante e asséptico em que se especializaram os membros do Apostolado. O positivista vale-paraibano não fez política para francês ver: fugindo ao estilo *apostolar*, meteu-se cedo nas lides do PRP, o partido dos "agricultores aburguesados" do tipo de Rodrigues Alves. Em 1891 tomou assento em sua Comissão Central, braço executivo do partido paulista, e elegeu-se presidente do Senado estadual. Não interrompeu a vida partidária durante quase três décadas de República Velha, só o fazendo já setentão. O alcance da participação nos quadros dirigentes do PRP não deve ser subestimado, pois foi a máquina disciplinada do partido que produziu e conduziu a onda reformista junto à oligarquia agrária de São Paulo — não raro ao arrepio e adiante dos interesses *imediatos* desta mesma oligarquia (p. ex., a reforma sanitária, realizada apesar de ampla resistência dos fazendeiros). Tudo somado, é difícil creditar ao Positivismo de Luis Pereira Barreto mera pavonada e alarido. A não ser que se confunda, por equívoco, a "modernização contemporizadora", pela qual positivistas como ele se bateram, com a retórica do Apostolado, seu horror à política, sua "consciência do vazio de si mesma" (B. Prado Jr.). Se, então, o pensamento dos independentes não serviu de enfeite, de que modo suas idéias poderiam ser consideradas fora de lugar? A meu ver, de modo nenhum, como indicou a seguir.

☆☆☆

Até aqui procurei demarcar o terreno positivista no Brasil, dividido por uma corrente doutrinária, retórica descartável, de um lado, e de outro, por um grupo "pragmático" e modernizador. Ambos, no entanto, foram conservadores. Nesse ponto — na transigência e na contemporização em face de relações sociais perversas —, pareceria residir, à primeira vista, um sinal de idéias importadas "obliquamente" do mundo civilizado. Se nesse ponto a tese de Arantes fosse correta, seria possível até mesmo definir os "graus de obliquidade" (ou algo parecido) do pensamento conservador e positivista no Brasil. Quanto ao grupo do Apostolado, o ideal de "ditadura republicana" e a aversão às atividades parlamentares implicariam uma *forte* distorção das idéias transplantadas do mundo burguês europeu. A distorção conservadora seria *menos* pronunciada entre os positivistas independentes: ainda que transigissem em relação às estruturas sociais iníquas, partilhavam a crença burguesa no valor da instituição parlamentar e na impropriedade de uma república ditatorial.

Ocorre, entretanto, que o exercício acima resultaria perfeitamente inútil. A tese do aproveitamento arresado, na periferia, das grandes ma-

REFERÊNCIAS

Apesar de não constarem do artigo através de citações diretas, alguns textos foram imprescindíveis para minha argumentação, razão pela qual vêm listados como referências para leitura.

Albuquerque, Manoel Maurício de. *Pequena História da Formação Social Brasileira*. Rio de Janeiro, Graal, 1981.

Arantes, Paulo Eduardo. "O Positivismo no Brasil: Breve Apresentação do Problema para um Leitor Europeu". *Novos Estudos CEBRAP* Nº 21:185-194.

Cardoso, Fernando Henrique. "Dos Governos Militares a Prudente-Campos Sales". B. Fausto (org.) *História Geral da Civilização Brasileira*, Tomo III, Vol. 1, São Paulo, Difel, 1977.

Carvalho Franco, Maria Sylvia de. "As Idéias Estão no Lugar", *Cadernos de Debate* Nº 1:61-64.

Castro Santos, Luiz A. de. *Power, Ideology, and Public Health in Brazil, 1889-1930*. Cambridge, Mass.: Universidade de Harvard, 1987 (tese de doutoramento).

Cruz Costa, J. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. 2.ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.

Cruz Costa, J. *Pequena História da República*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

Lins, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*. 2.ed., São Paulo, Nacional, 1967.

Porto, Angela. "Positivismo e seus Dilemas", *Ciência Hoje*, agosto de 1987, vol. 6, nº 34:54-61.

Prado Jr., Bento. "Cruz Costa e a História das Idéias no Brasil", R. Moraes et alii (orgs.) *Inteligência Brasileira*, São Paulo, Brasiliense, 1986.

Schwarz, Roberto. "As Idéias Fora do Lugar". *Estudos CEBRAP* Nº 3:151-161.

Schwarz, Roberto. "Nacional por Subtração", in *Que Horas São? Ensaaios*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

trizes conceituais dos países do centro não se aplica à doutrina comtiana no Brasil *porque não havia necessidade de alteração do modelo original*. O sistema positivista europeu nunca esteve fora de seu *próprio* lugar nos trópicos — salvo quanto ao caráter ornamental do pensamento dos seguidores de Miguel Lemos — em razão de que já era conservador na matriz! É surpreendente que Arantes nos chame a atenção, em seu texto, para o *antiliberalismo* da filosofia positiva na França (quanto à defesa do capitalismo autoritário etc.), sem, contudo, atentar ao fato de que, em razão de tal antiliberalismo, o transplante não exigia qualquer enxerto ou fertilização para uso entre as elites brasileiras. Mão e luva, portanto, ajustavam-se com precisão. O positivismo, naquilo que afetou a modernização conservadora no Brasil, foi incorporado em bloco a partir da matriz, sem viés e sem alterações de monta. No país das cópias estava o lugar adequado do modelo original; a planta exótica do Positivismo, gerada pelo pensamento europeu ultraconservador e modernizante da segunda metade do século XIX⁵, sequer pedia cuidados especiais para brotar em solo tropical.

Para concluir, espero ter demonstrado que o Positivismo no Brasil não pode, salvo erro, ser julgado como um exemplo de doutrina deslocada ou postíça em relação à estrutura social da Província. o ideário positivista, no tanto que municiou a nascente elite agrário-exportadora e industrial com o necessário instrumento modernizador, não padeceu do anacronismo, do "modo de não-ser" (R. Schwarz) característicos de outros modelos culturais importados das matrizes⁶. Falta explicitar a questão do elemento "ornamental": a mirrada planta filosofal cultivada nas estufas do Templo do Apostolado esteve, de fato, fora de lugar. Não passou de ornamento, como bem definiu Paulo Eduardo Arantes. o grande simpatizante do Positivismo que foi Ivan Lins — o nosso Paul Arbousse-Bastide — não dedicou mais que algumas dezenas de páginas aos Apóstolos da Humanidade em sua vasta *História do Positivismo no Brasil*. Talvez porque julgasse que havia nesse caso um transplante malsucedido, e que, *nesse caso apen-* *nas*, a cópia fosse evitável porque era inútil. Se assim julgou, esteve coberto de razão.

(5) Leia-se no próprio texto de Paulo Eduardo Arantes: "não se pode dissociar a utopia conservadora de Comte... da tradição iluminista que combatia" (Arantes, 1988: 187). E em Roberto Schwarz: "considere-se que as idéias da burguesia, a princípio voltadas contra o privilégio, a partir de 1848 se haviam tornado apoloéticas" (Schwarz, 1973:156).

(6) Talvez deva assinalar que, ao tratar de modernização e industrialização, não as estou "valorizando tacitamente", mas procurando estabelecer um nexo funcional possível, sempre, entre pensamento e estrutura social. O Positivismo de um Pereira Barreto representou tal nexo. (Para uma visão discordante, consulte-se Carvalho Franco, 1976.)

Luiz Antonio de Castro Santos é professor do Instituto de Medicina Social da UERJ e pesquisador do CEBRAP. Já publicou nesta revista "E Pernambuco Falou para o Mundo" (Nº 18).